

A Incorporação do Conceito de Sistemas na “Teoria do Agir Comunicativo”: Primeiras Aproximações

[The Incorporation of the Concept of Systems in the “Theory of Communicative Action”: First Approaches]

Marco Bettine*

Resumo: Este ensaio debaterá como a Teoria do Agir Comunicativo incorpora o processo de complexificação sistêmica e a dualidade Sistemas e Mundo da Vida. Parte deste processo será realizado com a discussão do agir comunicativo, como espaço de diálogo entre pessoas buscando o entendimento. O processo de novas formas de entendimento, e construção de saberes é possível pela estrutura integrativa do mundo da vida, como: dimensão semântica, espaço social e tempo histórico. Porém há o outro lado, os Sistemas, onde ocorre as manifestações de crise e distúrbios, as patologias da sociedade, que na reprodução cultural aparece como perda de sentido da cultura, perda de legitimidade da sociedade e na personalidade há a crise de pertencimento.

Palavras-chave: Habermas. Teoria. Sistemas. TAC.

Abstract: This essay will discuss how the Theory of Communicative Action incorporates the systemic complexification process and the Systems and Life World duality. Part of this process will be carried out with the discussion of communicative action, as a space for dialogue between people seeking understanding. The process of new forms of understanding and construction of knowledge is possible through the integrative structure of the lifeworld, such as: semantic dimension, social space and historical time. However, there is the other side, the Systems, where the manifestations of crisis and disturbances, the pathologies of society, which in cultural reproduction appear as a loss of meaning of culture, loss of legitimacy of society and in personality, there is a crisis of belonging.

Keywords: Habermas. Theory. Systems. TAC.

*Professor Livre Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: marcobettine@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0632-2943>.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é repensar e apresentar os passos teóricos habermasianos para construir um conceito capaz de englobar o mundo da vida e o sistema. Para isso a Teoria do Agir Comunicativo (TAC) se fiou nos pressupostos teóricos de Parsons, Durkheim e Mead. Habermas, a sua maneira, introduziu no conceito de sociedade uma dualidade não transcendental, um horizonte onde seria constituída a sociedade, mundo da vida, e, em um outro, os sistemas se desenvolveriam do primeiro por meio da distinção sistêmica do mundo da vida, emergindo a polaridade Sistema e Mundo da Vida.

Em um processo mais atual presenciaremos o que a teoria habermasiana denomina colonização do mundo da vida, se define pelo Sistemas cooptar o Mundo da Vida e tentar de alguma forma reificar as ações cotidianas não estratégicas.

Para desenvolver este ensaio teórico iniciamos com uma discussão do processo de evolução social, a teoria dos sistemas e suas implicações na sociologia. Em um segundo momento, vamos apresentar o processo de disjunção entre o mundo da vida e os sistemas e, por último, como a teoria sistêmica foi incorporada na TAC.

2. Evolução Social e Teoria dos Sistemas

Segundo Habermas (2012b), a teoria da evolução social faz distinção entre a racionalização do mundo da vida e a intensificação da complexidade dos sistemas sociais. Neste processo teórico Habermas vai tornar empiricamente analisável a ligação durkheimiana entre formas de integração social e níveis de diferenciação do sistema na divisão do trabalho social. Durkheim (2008, 2009), cria nexos sistêmicos para compreender a complexidade da sociedade. Solidariedade social, para este autor, seria a coincidência espontânea dos interesses individuais, construindo uma consciência coletiva. Esta solidariedade é assegurada por meio de valores e normas, socialmente construídas, e ela não pode ser substituída pelo mercado, ou instituições orientadas por interesses. Pois, onde o interesse é o único dominador, todos estão em pé de guerra contra todos os outros.

As sociedades modernas demonstram que há uma diferenciação sistêmica, possibilitando que haja um espaço de conflito orientado por interesses, e um outro espaço onde o potencial comunicativo é exercido. Mas está é uma luta constante do Mundo da Vida tentando conter as formas teleológicas da ação, que tentam invadir suas esferas.

A diferenciação do sistema de mercados destrói as formas tradicionais de

solidariedade. Formas democráticas de formação política, e a imposição de uma moral universalista, desagregam relações sociais estabelecidas pelo consenso. Estes são os dilemas durkheimianos e corresponde ao paradoxo weberiano da racionalização social. São exatamente estes dois pontos que Habermas vai atacar para consolidar seu conceito de Mundo da Vida integrado ao dos Sistemas, com o auxílio da teoria da ação parsoniana e da interação de Mead.

A distinção de uma *integração social* que tem início nas orientações da ação e uma *integração sistêmica* que atravessa as orientações da ação obriga a uma diferenciação correspondente no próprio conceito de sociedade (...), tanto na linha da interação social, de Mead, quanto na dos conceitos da representação coletiva de Durkheim, a sociedade é concebida na perspectiva participante de sujeitos que agem, isto é, do ponto de vista do *mundo da vida de um grupo social* (HABERMAS, 2012b, p.215, grifos do autor).

A linguagem seria o ponto de intersecção dos dois polos, Sistemas e Mundo da Vida, pois ambos nasceram do mesmo modelo etológico de sistemas autorregulados (a cada estado ou evento é atribuído um significado em conformidade com seu valor posicional

funcional). A teoria da comunicação substitui essa autorregulação, pois nela os sujeitos orientam suas ações pelas próprias interpretações da situação. Porém, Habermas é categórico ao afirmar que toda teoria da sociedade circunscrita a uma teoria da comunicação está sujeita a limitações. “(...) o alcance do conceito ‘mundo da vida’, que se oferece na perspectiva conceitual do agir orientado pelo entendimento, é limitado” (2012b, p.216).

Alguns autores serão incorporados neste debate, com as análises fenomenológicas do Mundo da Vida como: (a) Landgrebe “Fenomenologia e Metafísica” [*Phänomenologie und Metaphysik*] de 1949, e (b) nas análises formais não sistemáticas da vida em Winch “Compreendendo as sociedades primitivas” [*Understanding a Primitive Society*] de 1970.

O conceito de um mundo da vida presente no agir comunicativo deve ser elaborado na linha das análises da fenomenologia e da consciência coletiva durkheimiana, para possibilitar a racionalização do mundo da vida. Para evitar os paradoxos que outros autores encontraram, de um lado a reprodução do mercado e, do outro, um sujeito sem autonomia, é que Habermas propõem um conceito de sociedade que seja concebida como Mundo da Vida e Sistemas.

Na introdução da TAC, Habermas explicou os conceitos de agir teleológico, dramático e regulado por normas. Ao incrementar a análise com os mo-

dos de utilização da linguagem, Habermas construiu uma referência simbólica de mundos que compõe o mundo da vida, que seriam o mundo objetivo (instituições sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros); mundo social (relações interpessoais reguladas legitimamente); e mundo subjetivo (vivências a que o sujeito tem acesso privilegiado para se manifestar de modo veraz diante de um público). Ao introduzir o conceito de agir comunicativo¹, Habermas demonstrou tipos puros de agir comunicativo. As manifestações comunicativas estão inseridas ao mesmo tempo em diferentes relações com o mundo. O agir comunicativo depende de um processo cooperativo em que o sujeito utiliza os três componentes do mundo da vida. “Os falantes e ouvintes utilizam o sistema de referência como uma moldura no interior da qual tecem e interpretam definições comuns relativas à situação de sua ação” (2012b, p.221). *Verständigung* (entendimento) significa a união dos participantes da comunicação sobre a validade de uma fala; *Einverständnis* (consenso) significa reconhecimento intersubjetivo de uma pretensão de validade que o falante une a uma ação de fala.

Esta ação de fala está circunscrita ao Mundo da Vida e existe um horizonte em cada situação de fala. O centro é o Mundo da Vida. Portanto, o mundo

da vida tem como característica ser um armazém do saber humano acumulado ontologicamente, em que os seres humanos o utilizam para processos comunicativos. Habermas vai utilizar Husserl, particularmente o livro “Experiência e julgamento” [*Erfahrung und Urteil*] de 1948, onde o autor tratará da problemática do mundo da vida. “Podemos representar racionalmente o mundo da vida como uma reserva de padrões de interpretação, organizados linguisticamente e transmitidos culturalmente” (Habermas, 2012b, p.228).

O mundo da vida em resumo vai constituir-se em uma forma de linguagem, e expressão de uma cultura, desta forma conseguem referir-se às vivências e normas para a busca do entendimento [*Verständigung*].

“O conceito ‘mundo da vida’, utilizado no âmbito de uma teoria da comunicação, nasceu da filosofia da consciência e continua trilhando a vereda transcendental do conceito mundo da vida oriundo da fenomenologia” (HABERMAS, 2012b, p.248). Habermas procura fazer um cruzamento entre a fenomenologia e as teorias sociológicas da ação, conforme podemos compreender com a ideia do sujeito com intenção buscando a comunicação por meio do mundo da vida, isto leva a um debate entre Habermas e a interpretação de Luckmann sobre Schütz.

¹Cf. HABERMAS (2020a, p.528-529), “para o agir comunicativo, só são constitutivas ações de fala a que o falante vincula pretensões de validade criticáveis”. Cf. HABERMAS (2020a, p.560- 562), “atos de fala: constatativos, reguladoras, expressivas”.

Luhmann, no livro “Estruturas do mundo da vida” [*Strukturen der lebenswelt*] de 1979, aponta as tensões com Schütz em relação ao sistema de ação e mundo da vida. A leitura de Habermas destes autores o faz pensar que Husserl² “não conseguiu solucionar satisfatoriamente o problema da intersubjetividade” (HABERMAS, 2012b, p.238), outro ponto mais importante que liga a fenomenologia às teorias da ação com Habermas é a interpretação de Luckmann e Schütz que faz sobre a influência do pragmatismo de Mead, possibilitando interpretar o mundo da vida intersubjetivamente.

Habermas vai ampliar a discussão entre Luckmann e Schütz, afirmando que estes superaram apenas uma parte da fenomenologia, os autores não conseguiram apreender as estruturas do mundo da vida diretamente das “estruturas da intersubjetividade produzida de modo linguístico” (HABERMAS, 2012b, p.238-239), os sujeitos são solitários, não há um fluxo que combine os atos comunicativos de duas subjetividades, constituindo de fato uma intersubjetividade. Para Habermas, estes pequenos percalços não impedem de ele associar o conceito mundo da vida ao agir comunicativo.

O agir comunicativo, neste contexto, busca o entendimento, por meio de uma transmissão e renovação de um saber cultural. O agir comunicativo também

funciona, conforme visto, como coordenador de ação, neste sentido ele busca a integração e solidariedade. O aspecto que amplia o debate com a fenomenologia é que o agir comunicativo, através do aspecto da socialização funciona como um formador de personalidade. As estruturas simbólicas do mundo da vida se reproduzem pelo caminho para constituir um saber válido, construindo uma solidariedade e formando pessoas capazes de falar e agir. O processo de novas formas de entendimento, e construção de saberes é possível pela estrutura integrativa do mundo da vida, pois consegue reproduzir processos antigos com novas situações de ação, e integrar novos mundos da vida, seja por meio da dimensão semântica (tradição cultural), seja por meio do espaço social (de grupos socialmente integrados), seja por meio do tempo histórico (gerações que se sucedem), “a esses processos de reprodução cultural, de integração social e de socialização correspondem, enquanto componentes estruturais do mundo da vida, a cultura, a sociedade e a pessoa” (HABERMAS, 2012b, p.252).

O campo semântico, o espaço social e o tempo histórico são dimensões em que os atos comunicativos se realizam. As interações que formam a rede da prática comunicativa configuram a forma que a cultura, sociedade e pessoa se reproduzem. E esta reprodução se estende ao mundo da vida.

²Cf. HABERMAS (2015) “Textos e Contextos” p.61-82.

Do outro lado temos as manifestações de crise e distúrbios de reprodução, as patologias da sociedade, que na reprodução cultural aparece como perda de sentido da cultura, perda de legitimidade da sociedade e na personalidade há a crise de orientação e crise educacional. Na integração social as formas de manifestação das patologias são a perda de uma identidade coletiva na cultura, anomia na sociedade e na personalidade a alienação. No âmbito da socialização, os distúrbios levam a uma quebra de tradições na cultura, falta de interesse nos assuntos coletivos na sociedade, e na personalidade as psicopatologias como a depressão e o suicídio.

A complexificação sistêmica se dá por complexos de instituições que se apoiam sob o mundo da vida: “a diferenciação segmentária é institucionalizada na forma de relações de parentesco; a estratificação, na forma de *status*; a organização estatal, na forma de poder político; e o primeiro mecanismo de controle, na forma de relações entre pessoas detentores de direitos”. (HABERMAS, 2012b, p.301, grifos do autor).

No desenvolvimento da sociedade há um processo de diferenciação dos componentes do mundo da vida, no plano cultural existe um processo de formalização dos conceitos valorativos, pressupostos da comunicação, procedimentos da argumentação, valores fundamentais abstratos. No nível da sociedade se impõem princípios de ordem jurídica e

moral. Finalmente no nível do sistema da personalidade, as estruturas cognitivas adquiridas no processo de socialização vão criando caminhos próprios afastando-se dos conteúdos culturais que formavam o pensamento concreto, ampliando as visões de mundo permitindo ao sujeito exercitar competências interpretativas.

Esta ação denominada por Weber (1979, 1980, 1990), de racionalização, diagnosticada por Mead (1967) e Durkheim, cada um à sua maneira, é interpretada por Habermas como racionalização progressiva do mundo da vida. Este processo gera obstáculos. Weber tinha como tese a perda do sentido e da liberdade na racionalização, um processo de ampliação da ação teleológica. Mead na análise da ontogênese das sociedades contemporâneas aproxima-se à crítica da razão instrumental. Durkheim na teoria da divisão do trabalho vai demonstrar a falta de integração social e os níveis de diferenciação do sistema gerando estados de anomia. Este é o grande desafio, como o mundo da vida sobrevive aos obstáculos construídos pela reprodução simbólica? Ou como poderemos compreender o processo de reprodução na forma de deformações no mundo da vida?

Habermas assumirá três suposições, para que o conceito do mundo da vida não seja submetido pela reprodução, primeiro Habermas supõe que existe autonomia dos sujeitos, segundo que há uma independência da cultura, e,

terceiro, existe uma transparência na comunicação. Estas três suposições se impõem quando não identificamos o mundo da vida com a sociedade.

Na realidade concreta os membros de determinada comunidade coordenam as suas ações de diversas maneiras, não apenas voltadas ao entendimento, mas também por contextos funcionais, práticos, estes contextos nem sempre são percebidos pelos sujeitos. Na sociedade atual o mercado, e suas variações para a virtualidade, constitui o principal exemplo de funções e contextos que escoam pelas mãos das pessoas, não percebendo a dinâmica deste sistema dentro da realidade que a cerca. O mercado é um mecanismo sistêmico, ele estabiliza um contexto de ações não intencionais por meio do entrelaçamento funcional de sequências de ação. Por outro lado, o mecanismo de entendimento, o qual pressupõem um conhecimento do sujeito, parte de orientações dos atos dos participantes, isto é, os sujeitos fazem parte de uma comunidade comunicativa em que estabelecem relações intersubjetivas dotadas de sentido. Por este motivo Habermas sugere a distinção de uma integração social e uma integração sistêmica.

A integração social decorre de orientações da ação, integradas pelo consenso, assegurando normativamente ou comunicativamente. A integração sistêmica ocorre pelo controle não norma-

tivo de decisões individuais subjetivas (teleológicas) e não coordenadas.

Habermas quer conectar o conceito de integração social e integração sistêmica, trabalhando o segundo para mostrar que há possibilidade de os sistemas serem abertos a iniciativas e relações sociais complexas, apesar de estar em um entorno instável. Porém o sistema é uma *poiesis*³, isto é, faz-se a si constantemente. Tanto o Sistema como o Mundo da Vida são em si *poiesis*. O que preocupa Habermas é o controle e a colonização de uma *poiesis* (sistema) sobre outra (mundo da vida). Pois a evolução sistêmica se mede pelo aumento da capacidade de controle de uma determinada sociedade; a separação entre cultura, sociedade e a personalidade marca o estado de desenvolvimento de um mundo da vida estruturado simbolicamente.

3. A Disjunção entre Mundo da Vida e Sistema

Habermas está construindo aqui seu conceito de evolução, ou caminho filogenético da sociedade. Busca a relação evolutiva entre grupos de sociedades e desenvolvimento da dinâmica e da complexidade das relações sociais no mundo atual. Habermas parte de uma premissa básica, para entender os contornos da sociedade atual é preciso

³Elemento de formação pospositivo que exprime a ideia de elaboração, produção, criação.

construir seu processo de desenvolvimento. Na TAC este desenvolvimento é a disjunção do mundo da vida e sistema. Nas palavras de Habermas:

Eu entendo a evolução social como um processo de diferenciação de segunda ordem, porque o mundo da vida e o sistema se diferenciam somente à proporção que a racionalidade de um e a complexidade do outro crescem, mas também à medida que um se diferencia do outro (Habermas, 2012b, p.277).

Habermas acredita que compreender a separação entre sistema e mundo da vida vai proporcionar o entendimento de como a racionalização do mundo da vida intensifica a complexidade do sistema, atingindo um ponto em que os imperativos do sistema, libertos, destroem a capacidade de auto interpretação do mundo da vida colonizando-o.

Mesmo núcleos familiares podem aumentar sua complexidade diferenciando-se internamente ou criando outras unidades sociais. Há toda uma discussão nos estudos da dinâmica de parentesco e das possibilidades de união futura destes grupos pelo casamento. Nesta estrutura percebemos hierarquia, formação de consensos e legitimidade nas decisões de um líder. O mecanismo de troca do mundo da vida é bem instigante, lembra um pouco o texto de Marcel Mauss (2007) de 1925

“Ensaio sobre o Dom: Forma e Razão de Intercâmbio em Sociedades Arcaicas” [*Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*] que versa sobre os métodos de troca nas sociedades arcaicas, onde as palavras reciprocidade, intercâmbio e dever são fontes fundamentais dos mecanismos de trocas. O mecanismo de troca funciona paralelamente ao de poder, pois o mecanismo de troca só adquire força diferenciadora nos contextos em que se conecta diretamente com a religião e com o sistema de parentesco. Neste momento de complexidade do mundo da vida, “os mecanismos sistêmicos ainda não se desligaram das instituições que realizam a integração social” (HABERMAS, 2012b, p.295, grifos do autor).

A diferenciação das estruturas do mundo da vida leva a uma mudança nos mecanismos de integração social, criando outra integração, a sistêmica. A integração sistêmica é um tipo de diferenciação segmentária que flui por meio das relações de troca e estratificação das esferas de poder. Criando dois níveis de diferenciação do sistema, o econômico e o estatal. O mundo da vida teria como função, além da sua autoregulação, fomentar a integração social dentro do sistema, possibilitando condições para os sujeitos agirem. Mas, este entrelaçamento entre sistema e mundo da vida é frágil. Podemos exemplificar esta fragilidade quando uma sociedade baseada em uma ordem de parentesco é substituída por outra que se constitui por um

poder político baseado em estruturas de sanções sociais. A sociedade de poder parental deixa de existir. Pois este poder, organizado e cristalizado, forma uma nova instituição: o Estado.

Nas sociedades organizadas na forma de Estado, surgem mercados de bens controlados pelo dinheiro, formando novas relações de troca. Estes meios só conseguem produzir um efeito estruturador no sistema da sociedade como um todo quando a economia se separa da ordem do Estado. Aparecendo dois subsistemas – a economia de mercado e a administração estatal moderna. Estas novas estruturas sociais são denominados por Parsons como meio da comunicação generalizada simbolicamente.

No mundo contemporâneo podemos entender cada uma destas esferas como: (i) sujeitos sociais em comunicação, (ii) formação político-constitucional e (iii) direito privado burguês. Cada nova complexificação na esfera do mundo da vida vai levar a novas estruturas de integração. Quando se descolam as trocas e o poder da esfera do mundo da vida, principalmente com o fim das relações de poder e de troca via parentesco, uma nova instituição é criada. Durante muito tempo o sistema poder, representado pelo estado, organizava as trocas, que ocorriam em menor grau na esfera cotidiana. Com um novo modelo pautado na preservação da propriedade

privada frente ao Estado, ocorre um novo fenômeno, a separação entre o Estado e o Mercado, consituindo um sistema autônomo, sistema dinheiro, isto quer dizer que a autoridade do Estado e o poder político são relativizados perante a ordem do direito privado. Nesse momento, o direito formal (base do Estado) é o mesmo que dá garantias para um comércio privado⁴.

Habermas, a partir de análise de Kautsky, afirma que a sociedade se configura simultaneamente como base e como superestrutura. Em sociedades tradicionais, as relações de troca se incorporam ao meio poder, enquanto cosmovisões assumem funções ideológicas. No capitalismo, o mercado assume uma função de estabilização. Inicialmente o poder tradicional do Estado se desprende das cosmovisões ideológicas que legitimam o poder para uma racionalidade baseada no direito estatal. A base e a superestrutura só podem se desligar uma da outra quando a estrutura social romper o elo sistêmico de integração da sociedade.

Como ocorre este fenômeno, o desligamento da estrutura e da superestrutura? Habermas vai responder fazendo um longo retrospecto histórico das diferentes formas que o Estado se configurou até chegar ao capitalismo avançado.

Segundo Nicklas Luhmann na “Te-

⁴Habermas vai se apoiar na teoria do professor de Chicago David Zaret que faz a análise da sociedade no livro “De Weber a Parsons e Schütz: a elipse da história na teoria social moderna” [*From Weber to Parsons and Schütz: the ellipse of history in modern social theory*] de 1980.

oria geral dos sistemas sociais organizados” [*Allgemeine Theorie organisierter Sozialsysteme*] de 1975, quando o dinheiro toma a forma intersistêmica ele pode liberar-se dos contextos do mundo da vida, das questões de valor da sociedade e das ações das pessoas. Este subsistema, destituído de sentido normativo, interfere na assimilação do mundo da vida. O dinheiro forma uma segunda natureza “como um contexto vital *reificado*” (HABERMAS, 2012b, p.312, grifos do autor). A separação do sistema e mundo da vida aparece em um primeiro momento como reificação. “Quanto mais complexo os sistemas da sociedade, tanto mais provinciano se apresenta o mundo da vida” (v.2, p.312).

Para exemplificar como o agir comunicativo amplia suas formas de comunicação, temos a imprensa, o telefone, os meios eletrônicos, a internet, redes sociais, todos estes elementos constituem as inovações neste campo. Estas são tecnocracias do mundo da vida. Estas novas técnicas permitem disponibilizar atos de fala para um número ilimitado de contextos, retirando-os das limitações contextuais. Vezes estas comunicações tem um custo para o entendimento.

Todavia, quanto mais a formação de consenso linguístico é facilitada pelos meios, tanto mais complexa se torna a rede de interações controladas por estes meios. Meios de comunicação sistêmica, como a que fornece o Estado, ou o Mercado, por meio do dinheiro

e poder, constroem sob estas técnicas de comunicação redes mais complexas e obscuras, fugindo da transparência de uma comunicação direta. Escondendo-se por meios comunicativos não linguísticos, como as redes sociais, a imprensa, os blogs, as fake news, afastando-se da sua forma de comunicação genuína. Construindo comunicações reificadas, tratando de questões complexas de forma desumanizadas. Na comunicação em que o sujeito do agir se torna um mero receptor a construção comunicativa de consenso não existe, vão existir formas sistêmicas, controladas por meios poder e dinheiro, sem ancoragem no mundo da vida.

No entanto, estes meios podem ser utilizados como forma de crescimento do público para construção de consenso que ampliem a ideia de um agir comunicativo. Segundo Bettine (2020), construir locais de infinitas potencialidades de comunicação não linguísticas, estas formas devem ter como pilares: a reputação, os valores e as verdades passíveis de crítica. Habermas (2020b, p. 498) alerta para o seguinte, “que estas formas de comunicação dependem da tecnologia da comunicação e para serem completas os sujeitos devem se descortinar do véu da tecnocracia e apresentar-se como seres humanos”.

Como resolver o paradoxo habermasiano: quanto mais se desenvolve os meios comunicativos mais distantes estes meios se tornam do agir comunica-

tivo e do mundo da vida? O desenvolvimento da sociedade leva ‘naturalmente’ a sua autofagia? “O mundo da vida racionalizado possibilita o surgimento e o crescimento de certos subsistemas, cujos imperativos, ao se tornarem autônomos, ricocheteiam de modo destrutivo sobre o próprio mundo da vida!” (HABERMAS, 2012b, p.336). Isto aparece na realidade concreta como desigualdade social, isto é, avanços tecnológicos que em sua ideia originária seriam integradores sociais criam espaços de exclusões, em outras palavras, a exploração econômica massificada e a repressão juridicamente assegurada formam espaços de desintegração do mundo da vida.

Para mediar estes conflitos, Habermas vai propor no capítulo 7 da TAC, (VII – Teoria da Sociedade de Talcott Parsons: problemas de construção) uma leitura da obra de Talcott Parsons (2010a, 2010b), apoiada na tese weberiana de racionalização, deste modo mediar os problemas da colonização, que será trabalhado na TAC como “patologias do mundo da vida induzidas pelo sistema” (HABERMAS, 2012b, p.355).

4. Análise da Teoria da Sociedade de Talcott Parsons

Na visão habermasiana (2012b), Parsons supera Luhmann, pois permite entender a cultura em pelo menos dois caminhos, na produção de objetos simbó-

licos e a própria cultura como um sistema de ação. A cultura não mais depende da sociedade, pois ela torna-se um subsistema que segue imperativos próprios de manutenção da sua integridade. Outro ponto importante é a incorporação da discussão sobre a linguagem e relação de sujeitos, portanto, cada sistema de ação possui uma zona de interação e de cruzamento recíproco formando quatro subsistemas: a cultura, a personalidade, a sociedade, e o organismo.

Segundo Habermas (2012b), Parsons percebeu que os meios de controle como o Poder e o Dinheiro se realizavam na realidade concreta por meio de uma especialização linguística, isto é, colonização do mundo da vida. Os Sistemas não eram autoproduzidos, mas fruto de relações sociais anteriores.

Podemos interpretar este processo da seguinte maneira. Os meios de controle não podem ser entendidos como uma especificação funcional da linguagem. Nem a linguagem como forma de manutenção dos valores da cultura. Em um sentido mais amplo a linguagem serve de modelo para o Sistema de Ação. Na cultura a linguagem permite a manutenção de valores; na sociedade as normas têm a função de integração e são verbalizadas; A personalidade do sujeito que busca fins são compreendidos por meio do entendimento linguístico e, por último, os meios e recursos que compreendem os sistemas de comportamento são reproduzidos pela lin-

guagem, permitindo uma adaptação ao sistema.

A diferença fundamental entre Parsons e Habermas, no que se refere ao entendimento do papel da linguagem, é a centralidade do conceito mundo da vida, como espaço social primeiro das relações sociais, de onde emana seu processo de complexificação para depois criar sistemas e subsistemas. O mundo da vida possibilita uma não instrumentalização da linguagem. A linguagem não é parte principal de um subsistema, ou um meio de adaptação. Ela é algo intrínseco à construção dos agrupamentos humanos.

Na análise dos Sistemas, que depois de desvincular do Mundo da Vida criam características próprias, Habermas vai se ater primeiro a explicar o Sistema dinheiro. O sistema dinheiro na sua acepção mais simples é o processo da troca de bens. Os parceiros da troca dos recursos escassos seguem interesses econômicos procurando otimizar a relação custo/benefícios. Os sujeitos assumem uma ação racional em que a rentabilidade é a medida de cálculo para o êxito.

No sistema poder podemos atribuir uma série de características estruturais. O código vale para seguirmos imperativos categóricos. Diferente do sistema dinheiro em que há interação entre parceiros de troca, no sistema poder temos um imperativo moral e a força sancionadora do Estado.

Luhmann (1979) faz uma importante

leitura dos conceitos parsonianos dos meios poder e dinheiro. Luhmann parte do pressuposto que o dinheiro é institucionalizado por meio de institutos do direito privado burguês, tais como a propriedade e o contrato; ao passo que o poder é institucionalizado pela organização de cargos, regulados pelo direito público. O direito de possuir dinheiro implica o acesso a mercados em que é possível efetuar transações; enquanto o direito de exercer poder implica a ocupação de um posto no quadro de uma organização, na qual as relações de poder estão ordenadas hierarquicamente. Diferentemente do dinheiro, o poder só pode perdurar e ser empregado para fins coletivos caso haja organizações. Os poderes de mando, diferentemente dos de propriedade, necessitam de uma organização, que canaliza o fluxo de decisões vinculantes por meio de postos e programas.

Habermas aproveita desta análise para lembrar que o dinheiro já era meio circulante em épocas muito primitivas, bem antes de se tornar um sistema, o poder, ao contrário, surge na forma de uma autoridade ligada ao cargo e a posições. O poder necessita de legitimidade.

Segundo Habermas (2012b) o poder e o dinheiro são grandezas manipuláveis, em relação às quais os sujeitos podem assumir uma atitude objetivadora orientada diretamente pelo sucesso próprio. Podemos sistematizá-los da seguinte forma:

1. O meio *dinheiro* baseia-se na troca, de algo que tem utilidade, cuja racionalidade é orientada pela rentabilidade e o sucesso, possui um valor de uso, e é garantido pelo sistema internacional, e é institucionalizado pelo contrato.
2. O meio *poder* baseia-se em emissões de ordem, busca a efetividade, sua pretensão é de decisões vinculantes, sua racionalidade baseia-se na eficácia, a ação orientada pelo sucesso, possui como valor real a busca de realizações coletivas, como forma de garantia o poder de polícia, e se institucionaliza pela organização dos cargos.
3. O meio *influência* busca emitir instruções e tem como valor generalizado a lealdade entre os participantes, pretende-se ter declarações datadas de autoridade legítimas, as pessoas seguem pelo consentimento, orienta-se pelo entendimento, por ser legítimo possui uma fundamentação nas convicções, as garantias que dão base para as emissões são as tradições culturais e formas de vida sociais, sua institucionalização é pelo prestígio.
4. O meio *compromisso valorativo* busca um valor moral e seu valor generalizado é a integridade, possui uma pretensão de consenso em suas declarações, há uma orientação pelo entendimento, onde cada ação é justificada por determinada

obrigação e valor, possui como garantia as eficiências e o autocontrole.

Os meios: influência e compromisso valorativo são interações reguladas mediante uma motivação racional constituindo um pequeno aspecto do processo de formação do consenso por meio da linguagem. Pelos mecanismos de entendimento, estes meios dependem do pano de fundo cultural e de elementos que constituem a estrutura da personalidade. Estes dois meios são a conexão existente dos meios poder dinheiro aos cânones do mundo da vida.

A discussão desenvolvida na TAC é de que houve uma disjunção ampla entre mundo da vida e sistema, esta disjunção foi uma das condições necessárias para a formação da sociedade moderna, porém o padrão capitalista da modernização deforma as estruturas simbólicas do Mundo da Vida, submetendo-as aos imperativos dos meios poder e dinheiro, o que equivale a uma colonização. Neste processo Habermas vai fortalecer a teoria de Parsons como uma teoria da Modernidade, possibilitando ampliar aspectos da racionalidade para a racionalização do próprio mundo da vida, e não como um subsistema que é esmagado pelos meios no mundo moderno.

Segundo Habermas (2012b), as sociedades modernas desenvolvidas possuem uma elevada complexidade, seguindo a formulação sistêmica, as so-

ciedades possuem alta capacidade de adaptação, alta diferenciação de subsistemas regidos por meios, alta inclusão e generalização de valores.

Os membros da organização formalizam as relações interpessoais a partir dos aspectos jurídicos. O direito procura oferecer espaços de decisão no interior da empresa, por meio das formas de proteção ao trabalhador, porém este formato não substitui a ação comunicativa, mas da qual extraem a força de sua base de validade. Mesmo tendo o acesso a alguns contextos do agir comunicativo, as relações informais que se estabelecem dentro de um ambiente formal ou do Estado, revelam uma comunicação fora dos contextos do mundo da vida. A organização informal abrange as relações do interior da empresa, reguladas legitimamente, que podem ser moralizadas, formando uma moldura. E esta moldura entra na realidade da organização parecendo que às vezes vivem-se relações regulados pelo agir comunicativo. Esta parte demonstra que os meios “dinheiro” e “poder” estão ancorados institucionalmente no mundo da vida, no sentido de “num primado das esferas de ações integradas socialmente perante conjuntos sistêmicos reificados” (HABERMAS, 2012b, p.564).

5. Considerações Finais

Esta é a grande discussão acerca da possibilidade ou não de haver mecanismos integradores do mundo da vida, pois as radicalizações do processo de burocratização culminam em um estado totalitário, com a dominação dos mecanismos sistêmicos. Para Habermas a fragilidade de tal concepção absoluta é acreditar que a burocratização desumanizou a sociedade transformando-a num sistema desligado de um mundo da vida estruturado comunicativamente. Neste caso o mundo da vida seria um subsistema como qualquer outro.

Habermas não concorda com este argumento, pois para ele, (i) a capacidade de aprendizagem da sociedade, juntamente com o potencial cognitivo que pode ser utilizado; (ii) o potencial de resolução de problemas que a sociedade enfrenta, utilizando-se do direito e da moral a fim de criar novas formas de integração; (iii) os estabelecimentos de uma nova forma de integração social com os novos processos de aprendizado no campo da consciência-moral têm um papel distintivo que enfrenta as patologias da colonização sistêmica.

Neste momento Habermas interpretará o capitalismo e o instituto estatal moderno como subsistemas que se diferenciam dos componentes sociais do mundo da vida pelos meios: dinheiro e poder. Na perspectiva da esfera privada, temos o núcleo institucional da família que se encarrega de ativida-

des de socialização. A esfera pública é formada por redes de comunicação intensificadas pelas atividades culturais, pela imprensa, pelos meios de comunicação de massa, os quais tornam possível a participação de um público de pessoas privadas na reprodução da cultura e na fruição da arte, “bem como a participação do público de cidadãos na integração social, viabilizada pela opinião pública⁵” (HABERMAS, 2012b, p.577).

Para os subsistemas Economia e Estado as interações com o respectivo mundo da vida se realizam na forma de relações de troca. O sistema econômico, por um lado, troca salário por trabalho, e por outro, a possibilidade consumir produtos. A administração pública por sua vez realiza duas formas de relações, a primeira é a permuta de realizações obrigatórias para o público por impostos, e, a outra, ações políticas por voto.

À proporção que certos componentes de conduta da vida privada e de uma forma de vida político-cultural são arrancados das estruturas simbólicas do mundo da vida – mediante redefinições monetárias de fins, de relações, de serviços, de espaços e tempos de vida, bem como mediante a burocratização das decisões, deveres, direitos, responsabilidade e dependências -, percebe-se que os meios “dinheiro” e “poder” estão ligadas a certas funções. Com o auxílio da teoria dos meios, de Parsons, desco-

brimos que somente as esferas de ação preenchem funções econômicas e políticas podem ser transportadas para os meios de controle. Tais meios fracassam nas esferas de reprodução cultural, da integração social e da socialização; pois nessas funções eles não conseguem substituir o mecanismo do entendimento, coordenador da ação. Sua reprodução simbólica, diferentemente da reprodução material do mundo da vida, não pode ser deslocada para os fundamentos da integração sistêmica sem que haja efeitos secundários patológicos.

No entanto, Habermas acredita que estas patologias da sociedade são diferentes da perda de sentido da tese weberiana, porque as coações sistêmicas por meio de uma racionalização unilateral da prática cotidiana não podem ser confundidas com o fenômeno de empobrecimento cultural, que ameaça a substância tradicional do mundo da vida. Não estamos falando do mesmo processo. Para Habermas a colonização do mundo da vida se dá em duas frentes, a primeira com a racionalização unilateral da comunicação do dia a dia, onde as ações estratégicas necessitam de um espaço específico para se reproduzir, para isso reificam a linguagem e provocam a anomia das relações sociais. A segunda, com a extinção de tradições vitais e uma diferenciação teológica da ciência, arte e moral.

⁵Cf. HABERMAS (2012b, p.579). Consultar a fig. 39 “Relações entre sistema e mundo da vida e sistema na perspectiva do sistema”

Referências

- DURKHEIM, E. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. PUF, coll. Quadrige Grands textes, 2008.
- DURKHEIM, E. *De la division du travail social*, PUF, coll. Quadrige Grands textes, 2009.
- HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo. Vol 1. Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo, Martins Fontes, 2012a.
- HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo. Vol 2. Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo, Martins Fontes, 2012b.
- HABERMAS, J. *A nova obscuridade*. São Paulo, Editora Unesp, 2015a.
- HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil*, Universitätsverlag Hamb., 1948.
- LUHMANN, N. *Strukturen der lebenswelt*, Universitätsverlag Opladen, 1979.
- MAUSS, M. *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, PUF, coll. Quadrige Grands textes, 2007.
- MEAD, G.H. *Mind, Self, and Society: From the Standpoint of a Social Behaviorist*, Univ. Chicago Press, 1967.
- PARSONS, T. *A Estrutura da Ação Social*. v.I. São Paulo, Vozes, 2010a.
- PARSONS, T. *A Estrutura da Ação Social*. v.II. São Paulo, Vozes, 2010b.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Layola, 1980.
- WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade*, Edições Brasilienses, 1990.

Recibido: 29/09/2021

Aprobado: 02/12/2021

Publicado: 31/12/2021